

**A CIDADE DE MARINGÁ NA MEMÓRIA DE SEUS HABITANTES A PARTIR
DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER (1940-1970).**

Lauro César Figueiredo¹

Margareth de Castro Afeche Pimenta²

RESUMO: O presente artigo resulta de uma tese de doutorado defendida em 2005 e versa sobre a memória de antigos moradores da cidade de Maringá no Estado do Paraná, no período de 1940-1970. Examina o processo de apropriação do espaço urbano da cidade e como esse processo levou à destruição de um tipo de referencial espacial que existia entre os trabalhadores desta urbe e que, em última instância, engendrava uma nova forma de viver a cidade. Muitos de nós temos lembranças mesmo que remotas, de lugares que se tornaram pontos de encontros que, na juventude, faziam parte do nosso dia-a-dia. Incorporadas na vida de antigos trabalhadores de forma desinteressada e sorrateira, essas lembranças foram por muito tempo, e ainda o são, um referencial que insiste em se fazer presente. Os antigos moradores referem-se aos pontos de encontro da cidade como sendo lugares nostálgicos, ou seja, aquele tempo da juventude [as festas religiosas com suas “quermesses”, as festas cívicas e culturais, o cinema, as praças e os bailes que aconteciam no Aero Clube. Sob o ponto de vista nostálgico, esses espaços são lugares evocados de um tempo impreciso, pessoal e coletivamente vivido. São memórias que, a partir de um lugar, procuram unir o presente ao passado da cidade. São momentos vivenciados e construídos em uma determinada época, os quais pretende-se reconstituir através da história de vida desses trabalhadores. A justificativa aqui apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a “memória urbana”. Isso porque a falta de políticas públicas, que deveriam conciliar desenvolvimento e preservação, já foram substituídas por relações íntimas entre governos locais e o capital imobiliário. São experiências que perpassam o conjunto das relações tanto sociais quanto entre os homens, com a natureza.

Palavras-chave: Maringá. Memórias. Trabalhadores. Espaços Públicos. Cultura

**MARINGÁ CITY IN THE MEMORIES OF ITS DWELLERS BASED ON THE
ENTERTAINING PUBLIC SPACES (1940 – 1970)**

ABSTRACT: The current article results from a doctorate thesis about the memory of former dwellers from the city Maringá in the state of Maringá from 1940 to 1970. This report examines the process of appropriation of the urban area and how this process led this spatial reference which used to exist between workers of this large urban area to the destruction and, as a last resort, engendered to a new life style. Most of us have memories, despite some of them are faraway, of places turned into meeting places, so-called “points”. These sites were part of our daily lives, where young people used to get together.

¹ - Doutor em Geografia pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Prof. do Depto. de História da FAFIMAN – Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari. laurocfigueiredo@hotmail.com

² Professora Dra. do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia na área de Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – afeche@uol.com

Incorporated to lives of old workers in a disinterested and slyness way, these memories were, and still are, a reference which persists to be alive. The former dwellers tell us about these “points” in a nostalgic way. They quote the religious parties like “charity bazaars”, national and cultural holidays, movies, squares and balls which took place at the “Aero Club”. In a nostalgic point of view, these sites evoke an uncertain, personal and collectively lived time. Those moments are lived through and built in a specific period with an aim of rebuilding the history by workers lives. The justification stated here is the need of saving the “urban memories”. This is happening due to the lack of public policy which should harmonize the development and preservation, that it was also changed by intimate business among local governments and the real state fund. Those experiences go beyond the group of social relation as well as the relation man nature.

KEY WORDS: Maringá. Memories. Workers. Public Spaces. Culture.

Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastidões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até o lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e ... dos três velhos... que contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, entalhes, esfoladuras (ITALO CALVINO, 1991, 14-15).

Na epígrafe citada, quando Italo Calvino diz que a cidade é feita das “... relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” .. e que ela ... “estabelece uma correspondência entre o passado e presente na história da cidade, considerando-a como um organismo vivo e, como tal, em permanente transformação”.

Essa idéia de evolução (da cidade) reflete que sem o presente, não existe passado. E a maneira que se tem de apropriar do presente é buscando um futuro para o passado.

Mas como, partindo do presente, poderia se conhecer a cidade? Para Ítalo Calvino, “...uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra.. . E se pergunta então, onde todo o seu passado está contido? Está contido nas recordações:...”a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata...”

Através das recordações, se pode reavivar o passado, os valores da sociedade que ali se desenvolveu, e até mesmo a busca dos referenciais que possibilitam a relação de identidade entre o cidadão e a cidade. A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere.

Em Memória da cidade: Lembranças Paulistanas, Ecléa Bosi, (1994, p.147), analisando a memória como instrumento intermediário cultural, nos diz:

...cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes (...). a memória oral é fecundada quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações .

Atualmente, o desenvolvimento urbano apresenta um processo de perdas de referências, através da degradação do ambiente, tanto natural como construído. Estes referenciais sofrem um processo de deterioração e destruição física e social que se manifesta pela compreensão, algumas vezes tardia, da importância da preservação do passado.

Todos os elementos quer sejam conjuntos arquitetônicos, ruas, praças, áreas verdes, edifícios isolados, compõem o patrimônio cultural e ambiental de um povo. Porém não se deve perder a noção predominante no coletivo de que o patrimônio não existe se não houver um grupo que o consagre, que encontre nele referências de sua própria vida. Em outras palavras: que com ele estabeleça uma relação de identidade.

O patrimônio tangível é... documento testemunhal na conformação de memória dos povos - é o testemunho histórico acumulado e sedimentado dos modos de vida do homem e não só daquele que o concebeu mas também dos que ali viveram através dos tempos e lhe conferiam novos usos e significados simbólicos, possibilitando, assim, seu vigor contemporâneo. Este manifesta a evolução dos valores de uso e das formas de pensamento. (CARTA DE VENEZA, 1964, p.34).

Neste ponto, quando se faz referência à identidade, à memória e ao patrimônio, delineiam-se três conceitos que se entrelaçam, se sustentam, e que acabam por estabelecer entre si uma cadeia de interdependência.

Entende-se como identidade um conjunto de valores que são próprios de uma determinada cultura e das peculiaridades que lhes diferencia de outras. Pode-se eleger os

marcos de referência que são parte dessa mesma cultura através da memória.

A memória só se mantém viva quando se alimenta de seu suporte material e se define como patrimônio.

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta, ao longo dos séculos, por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta para os séculos futuros essa nobre herança (LE CORBUSIER, 1993).

Através das lembranças dos antigos moradores, buscamos “reconstruir” a cidade, descobrir os referenciais de identidade que permaneceram no tempo e no espaço, e compreender como o espaço urbano se produziu e delineou no contexto histórico abrangido pelos relatos.

Segundo Ecléa Bosí (1994, p.146), “as lembranças se apóiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser do mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva”. E mais adiante acrescenta:

Em primeiro lugar, a casa materna: tal como pareceu nas biografias é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir da rua em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro (...) nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar... (BOSÍ, 1994, p.147).

MEMÓRIA URBANA: NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO

Sendo Maringá uma cidade tão jovem e promissora justifica-se aqui a necessidade de preservar a “memória urbana”. Isso porque a falta de políticas públicas, que deveriam conciliar desenvolvimento e preservação, já foram substituídas por relações íntimas entre governos locais e o capital imobiliário. São experiências que perpassam o conjunto das relações tanto sociais quanto entre os homens, com a natureza.

Através das narrativas, tivemos acesso aos aspectos sociais, econômicos e culturais que seriam interpretados a partir, também, da construção dados qualitativos e

informações apontadas através de outras fontes. Em suma, uma outra visão de realidade que só os relatos dos que testemunharam os momentos de um tempo desaparecido poderia nos oferecer.

Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social.

Mas, sobretudo, são lugares, dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado, eles são lugares de memória, como aponta Pierre Nora ou ainda espaços que contém um tempo, como assinala Paul Ricoeur. A rigor, se poderia dizer que cada cidadão escolhe seus pontos de atenção e referência para se situar no tempo e no espaço urbano. Eu conheço um lugar, *costumamos* dizer, implicando com isto que nos referimos a um recanto da cidade especial para nós, que nos toca de maneira particular. Mas também podemos ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo.

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. O centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade. Mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas, que funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade.

A MEMÓRIA: INTERMEDIÁRIO CULTURAL

O que nos contaram os trabalhadores sobre sua cidade? Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos muitas vezes de nossos antepassados. As festas religiosas e suas “quermesses”, as festas cívicas e culturais, os cinemas, o footing, as ruas, as praças, os bailes...

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e que já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das *testemunhas* se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco *testemunho* do passado (Bosi, 2003).

Ecleá Bosi nos lembra que as lembranças se apóiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela parte as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro. Sons que voltam, sons que não voltam mais.

Quando a fisionomia do bairro adquire, graças ao trabalho incansável dos moradores, um contorno humano, ele se valoriza. Vêm as imobiliárias e compram uma casa, depois outra, o quarteirão. Os vizinhos se reúnem, querem resistir: os edifícios altos esmagam sua moradia, roubam-lhes o sol, a luz, o horizonte. As quadras são arrasadas, os velhos acuados.

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevida de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento.

Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação.

Faz parte da dialética do espírito moderno essa tensão diária entre a transformação e a resistência. Mas ser moderno para Berman (1986) é não perder os vínculos com o passado para não sermos eliminados num sorvedouro.

Para Bosi, a vida de uma rua densamente povoada é inesgotavelmente rica, se registrarmos os seus sons e movimentos. Podemos gravar a trilha sonora de uma rua durante 24 horas. Desde a primeira janela que se abre de manhã, a vassoura na calçada, as portas das lojas que se erguem, os passos de quem vai para o trabalho, conversa, cantigas...

Sob essa diversidade há uma ordem e um ritmo cuja seqüência é portadora de um sentimento de identificação. A seqüência de movimentos na calçada segue ritmos que se aceleram e se abrandam em horas certas e vão se extinguindo devagar, quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão-se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia (BOSI, 2003, p.84).

Por que definir a cidade somente em termos visuais? Ela possui um mapa sonoro compartilhado e vital para seus habitantes que, descodificando sons familiares, alcançam equilíbrio e segurança.

A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade de trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma. Talvez evocando a perdida fisionomia de um bairro, Baudelaire se lamentava: "*A forma de uma cidade muda mais depressa, ai de nós, que o coração de um mortal*". (BAUDELAIRE, 1972, p.78).

A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações.

LUGARES DE SOCIABILIDADE E VIDA URBANA NOS ESPAÇOS DE DIVERSÃO

Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos em que vivemos experiências do cotidiano ou

situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Estes espaços dotados de significado fazem de cada cidade, um território urbano qualificado, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social.

Mas, sobretudo, são lugares, dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado, eles são lugares de memória, como aponta Pierre Nora (1993), ainda espaços que contém um tempo como assinala Paul Ricoeur (1994).

O crescimento populacional, a urbanização com um comércio crescente, paulatinamente viabilizaram à sociedade local melhores condições de vida, lazer e trabalho. Conseqüentemente, a implantação de algumas instituições formais como as escolas, igrejas, clubes, ensejavam na população formas de comportamento diferenciadas daqueles as quais estavam acostumadas na vivência cotidiana de um povoado desprovido dessas infra-estruturas básicas, no qual os impulsos naturais manifestavam-se com mais facilidade. Portanto, uma educação formal, fornecida por tais instituições e também o controle da violência por meio da presença da polícia, forjaram novas atitudes, mais regradas e mais civilizadas, condizentes com a realidade que se ia implantando. Segundo France Luz (1988, p. 45), esse refinamento dos costumes locais, os clubes, cinemas, entre outros, tiveram importante papel na transmissão de uma cultura mais refinada e elegante produzida nas grandes capitais. Toda essa movimentação trouxe para a comunidade maior complexidade na organização social e, conseqüentemente, nas relações sociais, assinalando para a criação de outros lugares e formas de sociabilidade.

Pensando nisso é de supor que uma sociedade do labor não encontrasse tempo, vontade, nem disposição para o entretenimento. Todavia, não foi bem isso que aconteceu; são vários os registros [orais, escritos e iconográficos] que relatam um painel em que se destaca a vida urbana (os espaços de sociabilidade) dos antigos moradores da cidade.

O núcleo onde viviam esses moradores era um espaço percebido por intermédio

das relações pessoais que estabeleciam, e que vinham desde os primeiros anos com o círculo de vizinhança.

Ao Iniciar a fase de análise das entrevistas, percebemos que dentre o grupo de nossos informantes há uma predominância de emigrantes e migrantes que vieram de diversas regiões, dentro e fora do País, em busca de uma vida melhor nas terras férteis do Norte Paranaense. Lembrando que muitos deles foram influenciados através do grande investimento em propaganda, exercido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Paulistas, mineiros, descendentes de japoneses, vieram para Maringá ainda muito jovens, acompanhados dos pais. Quando aqui chegaram, perceberam que as propagandas não eram tudo aquilo que diziam os folhetos. Alguns resolveram voltar, mas muitos, que tinham vendido tudo, ficaram e aqui criaram outras raízes.

Na realidade, as pessoas ouviam boas novas sobre o Paraná. O desejo de prosperar, constituir família, criar filhos motivava os que viviam no campo, visto que naquela época o trabalho agrícola predominava.

Os relatos de nossos entrevistados evidenciam o quanto foi marcante a vida no campo, as plantações de café nas décadas de 1940 a 1970, expressando as lutas e o trabalho da população maringaense. Durval Siqueira, 73 anos, relembra “a gente resolveu vir pra cá trabalhar na colheita do café, tinha muita lavoura por aqui”.

Para muitas pessoas daquela época, o lugar novo representava novas oportunidades de vida, tendo a possibilidade de se estabelecerem e trabalhar no campo. Marina de Souza, 75 anos, relembra que “no passado, a maioria da população residia na zona rural, para a cultura do arroz, trigo, milho, feijão e o café, que causou enriquecimento para muitos fazendeiros”³.

Os relatos evidenciam que o norte paranaense demonstrava um potencial voltado para o trabalho rural, dando ênfase à produção do café, além de sustentar outras formas de produção, os cereais.

Sr. Julio Rissi, 79 anos, relata: “ lembro da geada da década de 1970 que foi um marco histórico”⁴. O Sr. Mário Fuentes de 80 anos comenta: “ lembro bem da produção

³ Entrevista com Sra. Marina de Souza em 04/2004

⁴ Entrevista com o Sr. Júlio Rissi em 04/2004

cafeeira e também da geadas na década de 1960 e a neve de 1975 que acabaram com as plantações de café”⁵. Se por um lado o espaço rural progrediu até a chegada da crise (as geadas), como estava organizado o espaço urbano?

Olga Corrêa, 78 anos, comenta que “quando vim para a cidade de Maringá na década de 1950, eu gostava de ir na estação Ferroviária esperar o trem de passageiro, era uma emoção muito grande”⁶.

Na década de 1960 o trem representava o progresso na cidade, além da população utilizar para fazer seus passeios, o trem servia de transportes de carga na cidade. Através dele se tinha também as notícias do País, contatos com outros lugares, diretamente (mercadorias, pessoas), mas também as novidades políticas e culturais. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, as novas formas de trabalho nas áreas urbanas o trem se tornou um caos, por estar dentro da cidade.

Quando iniciou o processo de migração campo-cidade, as pessoas ficavam admiradas com a tecnologia das novas construções, comércio, e uma nova representação dos espaços de sociabilidade surgiu em Maringá.

Os relatos demonstram que a produção de café existente no Estado do Paraná contribuiu para a vinda de muitas famílias atraídas ao trabalho. Sem dúvida a produção agrícola deu origem ao grande contingente populacional nas décadas de 1940 a 1970.

As lembranças do trabalho ocupam um espaço de destaque nos relatos dos nossos entrevistados, adquirem dimensões da própria sobrevivência e relacionam-se de forma direta com os espaços do trabalho e da habitação. Para Ecléa Bosi (1994, p. 390):

Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um emprego, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de ‘status’.

Da mesma forma os espaços destinados à habitação e ao trabalho (oficinas, comércio, pequenas indústrias), também se traduzem “como lugar na hierarquia” dessa sociedade citada por Bosi. Configuram-se não só como mecanismos de ascensão social, mas de reconhecimento social.

⁵ Entrevista com o Sr. Mário Fuentes em 04/2004

⁶ Entrevista com a Sr. Olga Corrêa em 06/2004

Assim vemos nas recordações do Sr. Teodoro Progiante ⁷, como se relacionam o espaço do trabalho e o da habitação, desde a casa da infância no “Maringá Velho”, onde moraram, pois o pai, engenheiro agrônomo, havia sido contratado pela Companhia de Terras, para administrar o Horto, arborizar as ruas e ajardinar as praças da cidade.

A minha família morava lá perto do Horto (...) a casa lá é muito grande (...) era quase isolada. Aquela rua Tamandaré, do rio até na casa que era a rua oficial, devia ter ai uma, mais uma meia dúzia de casinhas (...). Lembro quando meu pai estava fazendo a planta na nova praça do Peladão (1960), fez também a praça dos expedicionários, os jardins da área central.

A cidade passa a ser elaborada, seus espaços públicos, tratados, como reconhecimento de uma vida de relações, a expectativa de uma vivencia coletiva.

As Praças (Local do Sagrado e do Profano)

Nesse período, também se destacavam as primeiras praças por apresentarem duas funções distintas, estruturadoras: tal qual propunha o urbanista Jorge Macedo Vieira, [dar forma ao desenho da cidade que saia de uma prancheta, propiciando um crescimento ordenado á luz da hierarquização] e social: [que era o local de encontro, das paqueras...]. Essas praças foram urbanizadas ao longo do tempo, e tiveram por embriões igrejas que nelas se instalaram. Pode-se constatar que a sociedade da época expressava sua religiosidade através dos nomes dados às praças, [Praça Nossa Senhora da Aparecida, São Benedito, Santo Antonio e Santa Izabel] (DE ANGELIS, 2000, p. 28-35).

A Praça da Catedral

A primeira catedral construída em 1950 [Figuras 6, 7,8] era o local dos passeios, dos encontros, e com uma vegetação exuberante ao redor. Foi concebido para ser o espaço de maior prestígio social, e este uso perdurou por muito tempo. O lazer dos finais de semana ali acontecia após as sessões de cinema e missa.

Devido a esta característica, esse espaço servia como ponto de encontro da comunidade, sobretudo em dias de ofício religioso – domingos e outros dias festivos para a igreja. A Sra. Maria Luiza Salça⁸, outra entrevistada, relata que, após as missas, era motivo de alegria para seus freqüentadores que ali tinham oportunidade de exibir seus trajés

⁷ Entrevista com o Sr. Teodoro Progiante em 08/2004

⁸ Entrevista com a Sra. Maria Luiza Salça em 05/2004

“domingueiros”.

os rapazes vinham todos elegantes, usavam calças de tergal e linho com camisas engomadas e sapatos engraxados, além do cabelos esticados com cremes. E continua ... as moças ... usavam vestidos e saias com modelos diferentes, alguns até decotados, sapatos com salto alto, de bico fino, belos brincos...

E relembra sorridente:

... os cabelos eram sempre muito bem arrumados e com tipos de penteados diferentes. Suspira e continua: bons tempos aqueles, momentos felizes que passei em minha vida e que jamais vou esquecer... me lembro também que a praça Raposo Tavares era uma praça que muita gente gostava de ficar sentado passando o tempo, era muito movimentada porque tinha a estação rodoviária onde chegava gente a toda hora vinda de toda parte... meu marido muitas vezes trazia notícia que ficava sabendo lá na praça RaposoTavares: quem tinha chegado pra morar na cidade, que tipo de comércio ia abrir na cidade, se ia ter festa na cidade, muita novidade vinha de lá da praça.



Figura 1 – Vista de perto da antiga igreja localizada na Praça da Catedral em 1950. Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

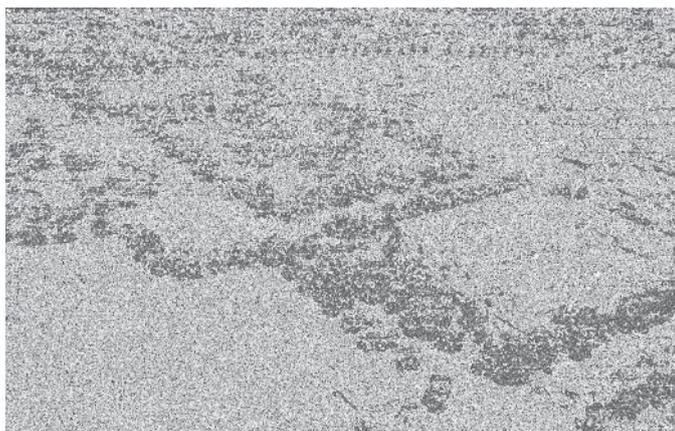


Figura 2– Vista do alto a Praça da Catedral em 1950. Em destaque o Hotel Bandeirantes Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico



Figura 3 - Vista da Nova catedral em construção. Em destaque a antiga igreja que só foi demolida após o término da construção.

Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

Outros espaços de entretenimento que não as praças já se faziam presentes nesse período.

As Ruas como Ponto de Encontro

Como a rua oferece inúmeras possibilidades e formas de convívio, destacamos aqui as festas anuais de grande receptividade por parte dos maringaenses, mas também de grande parte dos brasileiros, as novenas, terços e velórios, a folia de reis, as quermesses, os desfiles cívicos, o carnaval de rua, com os blocos carnavalescos; os passatempos na praça, uma forma de passeio, dos antigos moradores, o chamado *footing* dos finais de semana [Figuras, 4 e 5].

A conversa nas ruas, no trabalho ou em frente aos portões das casas, nos finais de tarde, ou à noite, era o passatempo da maioria dos moradores. Provavelmente ocupava lugar de destaque na vida da comunidade, visto que era nas ruas também que se conheciam as novidades entre a vizinhança e até mesmo fatos importantes da política e da economia do estado e do país.

A rua era também um espaço para as brincadeiras infantis: pula-corda, cobra-cega, esconde-esconde, amarelinha, bolinhas de gude (biroca), carrinhos de rolemã, brincadeiras de roda, pernas-de-pau, bola na mão (queima), etc.

Em fins de semana e também nos dias de feriados, algumas ruas da cidade onde se instalaram as chamadas “vendas” ou armazéns de secos e molhados, muitas famílias para lá se dirigiam em busca de diversão. Ali tinham a oportunidade de reencontrar amigos, conversar e até mesmo de paquerar. A Figura 4 mostra parte da rua onde as pessoas se reuniam para encontros e diversão.



FIGURA 4- – Venda de Secos e Molhados, já demolida, onde os moradores da redondeza reuniam nos finais de semana e feriados.

Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

Na memória dos entrevistados, o *footing* aparece como uma prática comum na cidade. Tratava-se de um passeio a pé. Os rapazes, alguns de chapéus na mão, parados ao longo da avenida, cumprimentando, flertando e observando as moças que, em seus trajes de passeio, subiam e desciam a rua. As moças na calçada e os rapazes no meio-fio. O *footing* era um caminhar no sentido de lazer, de alegria, de convívio [Figuras 4 e 5].

A prática do *footing* não foi uma singularidade que apareceu na cidade de Maringá, também foi encontrada em Assis pela pesquisadora Janete Leiko Tanno (2003), e ainda na cidade de Uberlândia pelo pesquisador Luziano M. Pinto (1993). Nos trabalhos desses autores sobre os lazeres nestas cidades, eles relatam o *footing* dominical como habitual entre os seus moradores.

Ao recordar do *footing*, os entrevistados demarcam uma das formas de ocupação e apropriação dos espaços públicos por grande parte da população local na vivência do seu cotidiano. No *footing*, rapazes e moças, nos seus melhores trajes, exibiam-se e se observavam mutuamente. Por meio das lembranças da Sra. Maria Ponciano, é possível formar uma imagem desse passeio.



FIGURA 5 - “Vista parcial da Praça no “Maringá Velho” onde acontecia o *footing* nos finais de semana - [1950]

Destaque ainda para as “jardineiras” [Figura 6] um meio de transporte que os moradores utilizavam para se locomover dentro e fora da cidade para visitar parentes, amigos e também utilizada para fazer compras em outras localidades da região. Segundo a Sra. Maria Ponciano⁹, as jardineiras também serviam como meio de transporte que muitos convidados utilizavam para casamentos, batizados e outras festas. “Em determinados horários, quando a gente entrava na jardineira e via as pessoas muito bem vestidas, era sinal de que estavam indo para alguma festa”.

Essa prática social informal e despojada de protocolo era parte integrante das vivências na cidade, confirmada novamente nas lembranças da Sra. Maria Ponciano:

... diariamente, após o jantar, sentava-se o casal em cadeiras colocadas nas calçadas, onde se abancavam os conhecidos, prolongando-se a conversa até altas horas, quando então todos se recolhiam. Eu me lembro que a primeira claridade de rua que apareceu eram uns lampiões grandes, que eram presos nas paredes das casas, geralmente nas casas de esquina – 1 litro de querosene para uma noite... Às vezes, vinha um vento forte ou chuva e apagava o lampião...isso era muito triste; porque a gente não podia sair, porque a gente tinha medo de animal solto e de fantasma também .

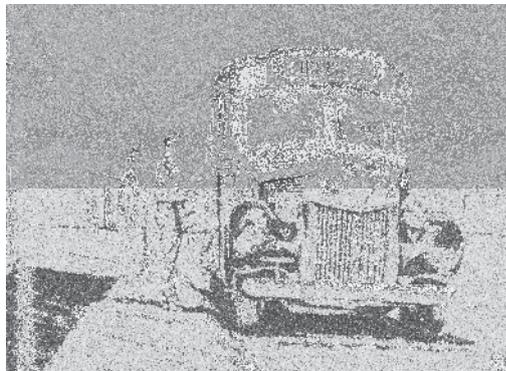


Figura 6– Vista da jardineira na Av. Brasil, 1953 – o que existia de mais moderno na época
Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

A Boemia

Especialmente para os rapazes, a cidade oferecia ainda a possibilidade de passeios noturnos como a “Zona da Alegria”. Muito seria preciso para falar das astúcias das “Lourdes, Geraldas, Lydias e Genis”, modelos procedentes de São Paulo, Rio de Janeiro,

⁹ Entrevista com a Sra. Maria Ponciano em 03/2004.

Santa Catarina, - que em três ou quatro meses ganhavam dinheiro suficiente para voltarem às suas origens e iniciarem seus próprios estabelecimentos comerciais. Quantos empresários, fazendeiros e viajantes contribuíram para o sucesso delas quando mandavam fechar uma “casa” inteira somente para eles se divertirem e fazerem suas “farrinhas” particulares, mesmo lhes custando muito caro. E no auge do café, dinheiro não era problema. Grande parte dos viajantes, para saberem se a cidade daria lucro para suas vendas, davam uma olhadinha na Zona da Alegria, se funcionavam bem, era sinal de que seus negócios dariam lucro na cidade (OSTERROHT, 1997, p.17).

Os Espaços Públicos e as Festas

Jean Duvignaud (1983), em seu livro *Festas e Civilizações*, destaca que as festas ocupam um lugar central no curso da vida social, pois nesses momentos ela se manifesta com todos os seus contornos e peculiaridades. Ainda segundo esse autor a compreensão da festa tem sido prejudicada pela idéia de funcionalidade, ficando toda a sua dinâmica reduzida á lógica da utilidade. Nesta perspectiva, ela opera como uma válvula de escape, onde os excessos, ao contrário do que acontece no cotidiano, são a regra principal.

O principal obstáculo para compreensão da festa, em todos os seus aspectos e escalas, havia sido distorcido por uma percepção social inteiramente dominada pelas noções de funcionalidade, de utilidade e, evidentemente, pelo espírito da rentabilidade que caracteriza o Ocidente industrializado (1983, p.22).

Neste sentido, trata-se, para o autor, de uma visão mecanicista de inversão de pólos. De um lado, o trabalho cotidiano, regido pelos gestos repetidos, contidos e sem prazer; do outro lado, um espaço de dispêndio, de ludismo, marcado por momentos de prazer e muita alegria. Para Duvignaud, (1983, p.23) esta idéia funcional da festa termina por congelar toda a capacidade subversiva que ela mesma possui, na medida em que contém em si um poder de destruição capaz de gerar rupturas, inquietações e transformações sociais. Afirma o autor que ao término das festas ficam as inquietações geradoras de mudanças sociais. Neste sentido, a festa possibilita uma espécie de recuperação da vontade coletiva através da subversão dos códigos sociais.

Entretanto, na perspectiva de Duvignaud, nem toda festa possui essa capacidade subversiva. Há as que perderam ou nunca tiveram um potencial destrutivo. È por isso que ele vai classificá-las em: festas de representação e festas de participação.

As festas de representação se aproximam do teatro, onde atores e espectadores representam papéis previamente definidos e sem conseqüências sociais posteriores. O elemento catártico pode até existir, mas os participantes – atores e espectadores, conhecem perfeitamente as regras do jogo. Nesses tipos de festas estão incluídas as diversas cerimônias de comemorações militares, aberturas de parlamentos, espetáculos de teatro, etc. Na realidade, o número de participantes é restrito, e tomam parte ativa, efetivamente, apenas os atores, enquanto o público só assiste.

Nas festas de participação, por sua vez, incluem-se cerimônias públicas das quais participa a comunidade. Os participantes são conscientes dos mitos que ali são representados, assim como dos símbolos e dos rituais utilizados. Algumas festas religiosas como as bacanais da Antiguidade, as festas de candomblé do Brasil e a maior parte dos carnavais de rua pertencem, para Duvignaud, a esta categoria.

Em nosso estudo, as festas encontram-se na categoria “festas de participação”, limitando-se apenas em mostrar o caráter cultural de uma cidade que oferecia aos seus moradores algumas formas de lazer e sociabilidade.

A distinção que pôde ser estabelecida por Duvignaud entre Festas de Participação e Festas de Representação parece decorrente da evolução da festa no seio das sociedades, desde a Antigüidade até nossos dias. Uma vez que as sociedades se tornaram complexas e que as diferenças de classes e atividade econômica se manifestaram, o papel se modificou: seu caráter de representação tornou-se mais evidente, pois uma classe muitas vezes se “representa” para a outra. O sentido da festa parece ter mudado no momento em que elas, festas, encontraram uma consciência coletiva ativa que se acreditava capaz de modificar suas próprias estruturas e que, em conseqüência, “descobriu” a história (DUVIGNAUD, 1983, p.25).

Deste modo, as cerimônias comemorativas só aparecem no momento em que as civilizações ou as sociedades estão muito fortemente constituídas para saber aquilo que elas adquiriram e, conseqüentemente, se definir em função de um passado. O que é, propriamente, a consciência da História.

Dentro dessa breve contextualização inserimos as festas que ocorriam na cidade de Maringá nas primeiras décadas de ocupação, os chamados tempos nostálgicos. Eram os

principais eventos públicos que democratizavam o acesso à grande parte da população.

Nas recordações do Sr. Fortunato Progiante aparecem às festas paroquiais [quermesses, bingos]:

... as barracas eram armadas próximo a igreja, eram cobertas com folha de coqueiro, uma vegetação farta na região, para proteger da chuva e da poeira, ... homens, mulheres e crianças aglomeravam para a festa dentro e fora das barracas ..muito quentão, pipoca, batata doce para vender....meu passatempo preferido era a troca de correio elegante... as prendas leiloadas era uma farrá só, porque tinha frango assado, leitão, pão caseiro, rosca... e quando o leiloeiro começava a gritar o que era a prenda e o nome da família que tinha oferecido, era um barulho... muitos levavam pra casa, mas outros comiam ali mesmo com os amigos na mesa... tinha também os bingos que o pessoal jogava... a gente marcava as cartela com milho e feijão, era uma farrá só... o divertido também era quando alguém que tinha ganhado, mas quando o cantador ia ver era mentira e todos vaiavam... tinha prêmio pra quem fazia o terço, a quadra, a quina e também a cartela cheia... muitos gritavam assim: traz a boa... muitos brindes eram oferecidos para quem participasse do bingo, não deixava de ser um atrativo, um agrado, para animar o visitante a comprar as cartelas...

Vale a pena registrar que grande parte das festas que aconteciam na cidade tinha respaldo da primeira empresa de som móvel, que se instalou na cidade de Maringá em 1950, denominada Serviço de Alto-falante Guarani – o único de toda a região, de propriedade Sr. João Piovezan [Figura 9]. Quando chegou, tinha realmente intenção de abrir um escritório de contabilidade, só que os planos mudaram e o contador formado só exercia a profissão em seu próprio negócio. Experiência no ramo de som não lhe faltava. Durante algum tempo ele trabalhou na rádio cultura de Araçatuba e quando resolveu vir para Maringá trouxe consigo alguns equipamentos, pessoais, de som que era igual a uma estação de rádio. O trabalho de som virou algo rentável e promissor. O pioneirismo na área de som do proprietário Sr. João Piovezan pode ser comprovado com outros trabalhos realizados. Um bom exemplo é o da primeira emissora a rádio Cultura de Maringá que viria a ser inaugurada em 15 de junho de 1951, quando ele já estava com o serviço de som a todo vapor. Os diretores da emissora instalaram caixas de som nos postes da Avenida Brasil, como forma de prestar informação pela cidade (Jornal folha do Povo, 1957/1967, p.07-09). O trabalho cresceu e passou então a animar festas religiosas, com um diferencial: a luz. Como a maioria das festas era realizada à noite, a aparelhagem de som contava ainda com iluminação para iluminar as festanças. O serviço de alto-falante era pouco. Como não havia eletricidade, a empresa tinha motores especializados para iluminar as festas. E sem

concorrentes, o Sr. Piovezam se estabeleceu na cidade aumentando sua capacidade para atender outras cidades. Aos 85 anos relata o Sr. João Piovezan¹⁰:

... atender a uma festa significava levar um conjunto de três geradores (mil waltts), a gasolina, cornetas, amplificadores e as discotecas (caixas usadas para transportar os discos de 78 rotações de patente Argentina). Depois de instalado, o que dava um certo trabalho, o Serviço de Alto-falante Guarani animava os eventos com estilos musicais variados, do bolero, passando pela valsa, até o sertanejo. Na festa de casamento ou na pracinha ouvia-se Vicente Celestino, Francisco Alves e outros artistas que começavam a fazer sucesso, como a dupla Tonico e Tinoco. O serviço funcionava como uma rádio. Oferecia-se músicas, mandava-se recados, fazia a publicidade. Uma das histórias interessantes que eu lembro foi de um senhor que pedia para a mulher voltar pra casa. As dedicatórias foram o grande filão. Como eu já tinha tido um programa chamado “lembrei-me de você”, as pessoas passaram a dedicar música nessas ocasiões. E você sabe que muitas vezes o dinheiro ganho com essas dedicatórias superava o valor recebido para animar a festa. Eu organizei uma discoteca para que as pessoas pudessem manusear uma lista onde constava o nome das músicas, em ordem alfabética, com o número correspondente dos discos, para facilitar quem operava os equipamentos e quem estava pagando pelo serviço. E foi tanto sucesso que a empresa passou a atender até três festas por dia. Eu também alugava os equipamentos para realização de outros eventos em Maringá e nas cidades que estavam surgindo. Mais tarde eu passei a ter um carro móvel, uma caminhonete Chevrolet, que fazia publicidade nas ruas de Maringá e nos carreadores dos sítios, para as lojas. Eu me lembro em certa época que os noivos que comprassem o enxoval nas lojas especializadas ganhavam o som da minha empresa na festa de casamento... a gente animou muitas festas devido a esta publicidade.



FIGURA 9– Sr. João Piovezan exhibe alto-falante e discos que sua empresa utilizava durante as festividades

Fonte: O autor

Os espaços públicos ofereciam-se igualmente à celebração festiva de grandes acontecimentos nacionais, como o dia da Pátria (ou da Independência), o dia da Proclamação da República; regionais, ou locais como a data da fundação da cidade no dia

¹⁰

Entrevista com o Sr. João Piovezam em 05/2003.

10 de maio e que sempre contou com um público expressivo. Era [e ainda o é] uma festa com grandes desfiles cívicos nas ruas da cidade. As pessoas aguardavam, ansiosas, os carros alegóricos, os trajes típicos, as fanfarras; uma verdadeira festa que tomava a todos com muita emoção [Figuras 10, 11 e 12]. Nas recordações da Sra. Marilin Cordeiro¹¹ os desfiles cívicos sempre foram uma tradição na cidade desde 1950.

... tinha os desfiles de 7 setembro que a gente desfilava sempre! Tinha os desfiles de aniversário da cidade também. Era aqui na avenida Brasil. O povo se concentrava ali de frente a igreja que fazia um corredor pro desfile passar... e tinha o hasteamento da bandeira junto com o Hino Nacional. Saía aqui de frente da igreja, e seguia pela Avenida Brasil e lá adiante se desfazia. E a fanfarras acompanhava o desfile... tudo era muito bem organizado, especialmente quando era aniversário da cidade... os alunos das escolas usavam camisas brancas de manga comprida, os sapatos engraxados, tudo era muito impecável...belíssimas moças com trajes típicos também ornamentavam os desfiles...os carros alegóricos eram preparados com muita antecedência para que não acontecesse nenhum problema no meio do caminho... professores e alunos faziam flores de papel e outros adereços para os carros... outros faziam até roupas especiais para compor os carros alegóricos que faziam alguma homenagem... eu me lembro muito bem quando diretores e outros representantes da prefeitura iam fazer a vistoria dos carros, e tudo que não estava de acordo tinha que ser refeito... era muito trabalhoso mas compensava ver os desfiles nas ruas da cidade que a todos encantavam...



FIGURA 10 - “Vista dos Desfiles Cívicos desde 1950”

Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

¹¹

Entrevista com Marilin Cordeiro em 08/2002.



FIGURA 11– Desfile do 5 aniversário da cidade – 1952
 Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

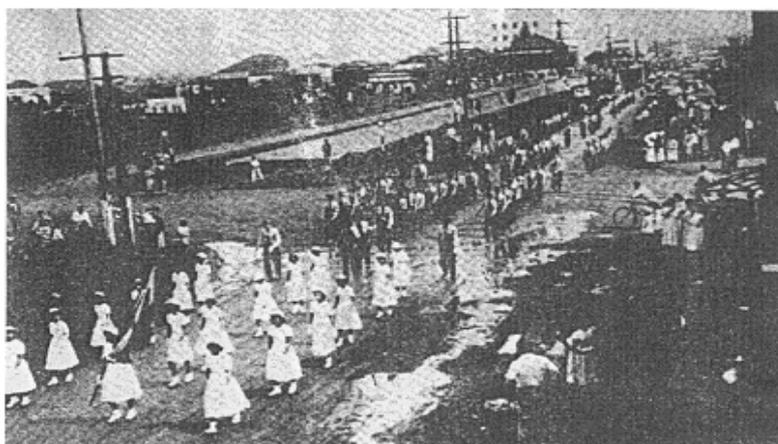


FIGURA 12 - Vista de Desfile Cívico militar comemorativo ao 6º aniversário de Maringá na Avenida Brasil – 1953
 Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

Os relatos trazem informações importantes a respeito da festa, da forma de diversão, um tipo de evento que congregava funções diversas, como a religiosa, a social e o lazer atrelado a várias atividades. Enfim um conjunto de práticas que fazia parte desses eventos, e que proporcionava possibilidades, expectativas e desejos de encontros, de paixões, de contatos e consolidação de relações pessoais em seus vários níveis.

OS CINEMAS

Se alguns clubes restringiam-se aos sócios e seus convidados, delimitando os lugares a certos grupos específicos da comunidade a cidade oferecia outras formas e espaços de lazer mais democráticos, que abarcavam a maioria da população (como eram os

espaços das festas já descritos), assim como eram os casos dos cinemas.

Depois do *footing*, era costume ir ao cinema, lugar de namorar.

Ao rememorar e revisitar o cinema, do qual foi freqüentador, o Sr. Álvaro Fernandes¹¹ evidencia dois tempos nesse ato, com significados diferentes. Quando jovem, ele disse que ia ao cinema para ver os filmes e se divertir; já na fase mais adulta o cinema era lugar de flerte, de encontro e de namoro.

A possibilidade de ir ao cinema também era um grande momento de expectativa para as mulheres. Ao se referir as suas idas aos cinemas na cidade de Curitiba, Marilin Cordeiro¹² relembra que domingo era dia de cinema, “era um passeio e tanto... às vezes o filme era longo e tinha um intervalo onde as moças aproveitavam para conversar, namorar e fazer fofocas. Momentos esses que muitas vezes eram mais importantes que o filme que se projetava”.

O cinema, apesar de poder ser freqüentado por todos os que desejassem, possuía uma barreira, que limitava seu acesso àqueles que tinham dinheiro para comprar o bilhete, que dava o direito de ver o filme. Mesmo assim, era um tipo de passatempo e de diversão que abarcava setores mais amplos da sociedade e possuía público certo. Porém, no seu interior, as diferenças sociais tornavam-se explícitas na divisão do espaço entre aqueles que se sentavam no amplo salão, sem contar a exibição do vestuário.

No livro “Memória dos Bairros” publicado em 2002 pela Prefeitura Municipal de Maringá encontra-se uma outra referência obrigatória que expressa uma forma de vida urbana da cidade naquele momento, que foram os cinemas, e que atualmente encontram-se desativados e transformados em igrejas evangélicas. È notório que em grande parte das cidades essa situação se repete, visto que nas áreas centrais os cinemas foram transformados em espaços religiosos. Raros são os cinemas que foram preservados e foram destinados a espaços culturais. Em Maringá o Cine Plaza, foi o único cinema que foi preservado e recuperado e atualmente destina-se a eventos culturais.

Um dos primeiros cinemas de Maringá inaugurado em 1951 foi O Cine Horizonte, integralmente de madeira e que tinha no andar superior um hotel com 28 quartos [Figura

¹ ¹ Entrevista com Sr. Álvaro Fernandes em 04/2000.

¹ ² Entrevista com Marilin Cordeiro em 08/2000.

13]. Vale a pena ressaltar que o Cine Horizonte, após a meia noite, exibia filmes pornográficos exclusivos para os homens. As mulheres eram discriminadas; não havia sessão para elas. O funcionamento desse hotel era condição imposta pelo Sr. Inocente Villanova Jr. (futuro prefeito) para doar o material de construção do futuro prédio. A família Del Grossi, procedente de Apucarana, chegou a Maringá e comprou da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) um terreno na Avenida Brasil. Com a ajuda do então futuro Prefeito, construíram o cinema, um espaço de 550 lugares dedicados ao aconchego da população amante da arte. O cinema funcionou nesse endereço até o início dos anos 1960. Em 1966, o edifício de alvenaria ficou pronto, na Avenida Riachuelo, um projeto arrojado para a época e que teve como autor o engenheiro Hans Denger, alemão radicado em Londrina. Essa nova sala foi criada para comportar 1.600 pessoas. Quer seja o velho de madeira, quer seja o novo de cimento e pedra, o cine Horizonte embaralha-se na história. No início dos anos 1980, outro cinema da cidade foi fechado, o Cine Peduti, chamado antes de Cine Paraná e Cine Ouro Preto [Figura 14], tendo como proprietário o Sr. Odwaldo Bueno Neto, que, cansado e desmotivado para esse ramo, vendeu o terreno e as instalações do cinema a uma empresa de materiais de construção. Enquanto durou, o Cine Peduti exibia filmes de alto nível e era freqüentado por uma elite financeira e intelectual, sendo por várias ocasiões, usado como palco para projeções de fitas ligadas ao Cine-Clube de Maringá, em horários experimentais. Sua decoração interior primava pelo refinamento e bom gosto, aspectos que eram levados em conta na hora de definir os preços dos bilhetes, os mais caros dos cinemas da cidade.

Geograficamente, o Cine Peduti situava-se na Vila Operária, onde recebia maior influência desta, o que não significa que não fosse freqüentado por moradores de outras áreas da cidade. Já o Cine Horizonte era o predileto, por reunir um conjunto de especificidades com forte apelo junto ao povo das camadas mais simples. A divulgação da programação do cinema era um espetáculo á parte, começando pelo material visual de promoção dos filmes, que, por muito tempo, eram reproduções pictóricas gigantes dos cartazes originais, um trabalho de artista plástico que variava de modo a permitir a colocação de objetos em exposição na fachada do cinema, coerentes com o filme em andamento [Figura 15]. Essas “instalações” chegaram ao cúmulo, em certa oportunidade, de transferir um avião do aeroporto para á frente do cinema, estilizando-o a fim de se

parecer a uma aeronave semidestruída (aqui uma reprodução dos filme “Os sobreviventes dos Andes”). Ainda hoje, além dos canais convencionais de propaganda (rádio, jornal, cartazes em ônibus, bares etc.), o cinema mantinha em regime integral uma Kombi dotada de painéis publicitários e de alto-falantes de som, numa modalidade quase artesanal de difusão das mensagens.

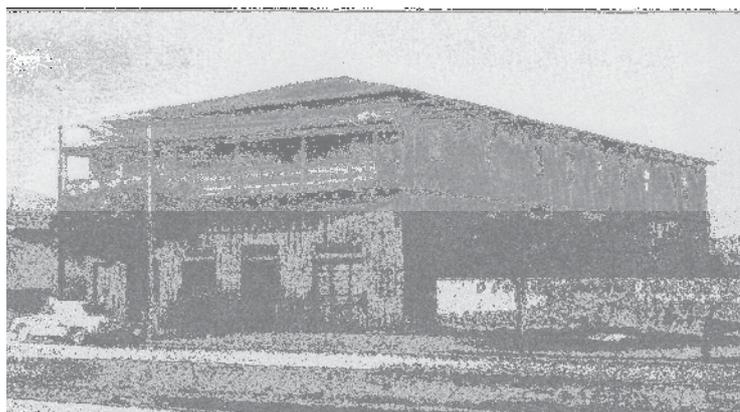


FIGURA 13 – Vista do Cine Horizonte – Primeiro Cinema de Maringá - 1949
Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

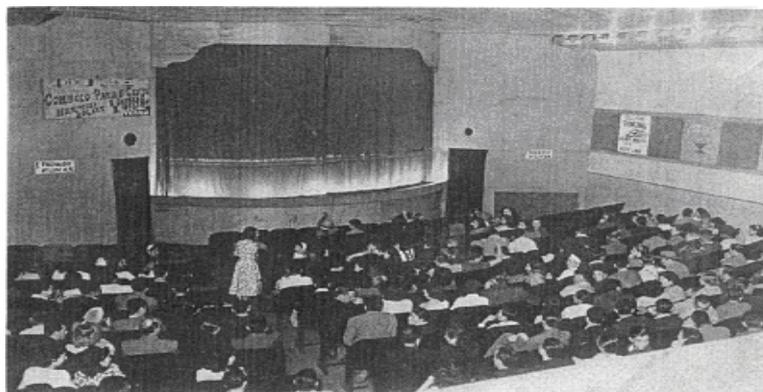


FIGURA 14 – Vista do interior do Cine Maringá em dia de exibição - 1958
Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico



Figura 15 - Propaganda do Festival de Cinema em Maringá em 1958 e programação semanal dos filmes exibidos na cidade (1960)

Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

O Cinema nas Ruas

Durante o levantamento das pesquisas bibliográficas não encontramos qualquer documento que pudesse nos fornecer subsídios para apresentar uma discussão mais elaborada em relação a essa temática na cidade de Maringá. Também não tínhamos qualquer informação de quem poderia nos auxiliar através das entrevistas a respeito do assunto.

Entretanto, ao retornar no acervo da Divisão de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal, encontramos uma fotografia que mostra claramente esse tipo de lazer que ocorria na cidade. Era o primeiro e único documento iconográfico que existia [Figura 16].



FIGURA 16 – Cinema ao ar livre. O caminhão que servia de camarote na área rural - 1949
 Prefeitura Municipal de Maringá – Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico

De posse dessa foto visitamos algumas famílias, mas nada encontramos. Durante a realização de todas as nossas entrevistas a foto era mostrada para ver se os nossos entrevistados reconheciam a mesma ou até mesmo se pudesse nos indicar alguém que reconheceria. Para nossa surpresa, durante uma das últimas de nossas entrevistas, um casal que visitava nosso entrevistado, e que residia na zona rural, tomou de espanto e quando viu a fotografia a esposa disse: “olha Zotto o caminhão do cinema...”. Logo, foi solicitado para que eles ali permanecessem para uma conversa mais detalhada.

Ao terminar a entrevista com o Sr. Aníbal Borghi, imediatamente o casal Sr. João Zotto e a Sra. Therezinha de Jesus Fuggi Zotto, foram convidados a nos dar uma entrevista. O casal sempre sorridente e com brilho nos olhos nos perguntava se o que eles diziam ali iria passar na televisão, explicamos então do que se tratava. O Sr. João Zotto dizia: “*olha Thereza, deixa eu falar primeiro depois você fala ta bom? senão o moço vai fica confuso...*”. Foi uma conversa muito alegre, ele todo entusiasmado e ela sempre gesticulando o pescoço.

O Sr. sabe que a gente não ia no cinema na cidade, era muita lida na roça. Naquele tempo tinha uma perua que passava, berando meu sítio e de outros sítios de amigos radiando no alto-falante as lojas tinham coisas pra vender, novidade né... Eu lembro que tinha uma loja que era a Casa dos Retalhos, que sempre passava lá no sítio radiando e também chamando o povo pra assistir filme. Então quem quisesse ia e se reunia na casa de um vizinho que tinha um terrero bom pra assistir o filme. Muita gente ficava sentado nos tocos, mas muitos também subia cima do caminhão pra ficar mais acomodado e vê melhor o filme que passava. Enquanto eles montava tudo a gente ficava ali conversando e a molecada correndo. Não era sempre que passava filme lá no sítio, mas quando passava era muito bom porque de domingo a gente não tinha muita coisa pra fazer.. era naquelas horas que a gente podia distraí a cabeça... era muito bom mesmo.

A Sra. Therezinha estava ansiosa e não via a hora de ser chamada. Ao rememorar o cinema de rua ela nos diz:

Foi uma época muito boa o Sr. fica sabendo.. Era uma luta danada e a gente não tinha muita vontade de vim pra cidade no domingo e quando vinha era pra comprar alguma coisa que faltava. Mas a gente dava muita risada com os filmes que passava lá no sítio. As vezes era demorado e as vezes não era, e tinha vez que passava dois filmes... Eu não conhecia a

Casa dos Retalhos quando abriu, só fui comprar lá quando ela apareceu no filme que passava pra gente no sítio também. Quando a gente escutava a perua kombi radiar na estrada podia saber que ia te cinema. Quando ela passava a molecada ia correndo atrás pra pegar os papel que ela jogava das lojas...eu ficava lá da janela da frente escutando e vendo aquela poeira subir...as crianças chegavam em casa numa sujeira só. O Sr sabe também que se a gente não tivesse isso a gente talvez nem tivesse conhecido o cinema porque na cidade tinha que pagar e quem ia tinha dinheiro, a gente era pobre, não podia ir, era muito difícil. Agora o Sr. vê, era muito bom, quando chegava domingo que ia ter cinema eu queria me arrumar um pouco mais e u dizia pro Zotto também vestir uma roupa boa, pra ficar com uma aparência melhor, diferente daquela que a gente tinha todo dia. Então a roupa boa servia também pra gente ir ver os filmes que passava lá na roça. Era muito bom porque a gente encontrava tanta gente conhecida e que não se via a tanto tempo, parecia uma festança também.

O que se percebe também na fala de nossos entrevistados é que as estratégias das lojas, ao fazerem sua propaganda na área rural tinham resultado satisfatório, pois as pessoas eram atingidas pelos anúncios exibidos durante os filmes.

É importante lembrar ainda que outras lojas usavam de outros artifícios para atrair compradores como é o caso das Casas Pernambucanas. A loja contratava palhaços para exibir suas peripécias e estes ficavam nas imediações da rodoviária Àa espera das famílias que chegavam para fazer compras. Muitos eram atraídos pelos palhaços e os acompanhavam pelas ruas até a entrada das lojas. Lá chegando outras brincadeiras eram feitas e em seguida o palhaço saia pelos fundos da loja em busca de novos clientes.

Surpresa maior aconteceu poucos dias antes de finalizar a tese, quando fui indicado a procurar uma antiga trabalhadora que gostaria de dar o seu depoimento sobre cinema ao ar livre. Trata-se da Sra. Bárbara C. Barros, viúva do Sr. Sílvio Magalhães Barros, primeiro prefeito da cidade de Maringá. Quando jovem ela acompanhava seu pai que tinha um caminhão que projetava filmes nas ruas da cidade. Assim que foi procurada nos relatou que as “sessões de cinema ao ar livre nas ruas do “Maringá Velho”, era uma diversão á parte e que muita gente se aglomerava para assistir” [Figura 17]. Segundo a Sra. Bárbara a freqüência das sessões acontecia mais nos fins de semana, final de tarde, com o sol ainda alto. E continua:

Era divertido a gente ir passar os filmes nos bairros, como Morangueirinha, no Maringá velho e tal, num caminhão. Então o cinema era ambulante. Então as cadeiras dobravam como cadeirinhas de circo, levantava-se, macaqueava o caminhão, punha um toco em baixo. Eu não

sei como que meu pai fazia, parece que o motor do caminhão é que tocava o cinema. Eu não me lembro. O caminhão ficava um pouco longe e aí o projetor, pendurava a tela numa árvore e o povo assistia. O caminhão também avisava antes onde ia ser a sessão.



FIGURA 17 – Cinema ao ar livre nas ruas do Bairro Maringá Velho – 1953

Fonte: Bárbara C. Barros.

Enfim, ir ao cinema envolvia diversas ações, significados e possibilidades que o lugar proporcionava, tanto em Maringá como na capital do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os lugares de diversão aqui apresentados, acredita-se que as práticas de sociabilidade maringaenses eram múltiplas e diferenciadas tanto nas suas formas de ação, quanto nos espaços, pelos diversos segmentos sociais. Mais do que promover o convívio e a comunhão entre os vários grupos, ela representava estreitamento de relações intra-grupos. Entretanto, não se pode pensar que a sociedade de Maringá era estanque, pelo contrário, trocas sócio-culturais, eram possíveis e também facilitadas pela proximidade entre as pessoas.

Os clubes, as ruas, as praças, os cinemas e neles, os bailes, as brincadeiras dançantes, o carnaval, constituíram-se em alguns dos espaços e formas de lazer da população maringaense, nos quais condutas e comportamentos revelavam-se, desvelando assim algumas das várias facetas da vida em sociedade dos maringaenses.

Assim, esses lugares da Maringá de ontem eram o cenário que mobilizava um modo de vida urbana daquela população, e que atualmente, sua grande maioria, já desapareceu; restando apenas as lembranças daqueles momentos; as formas herdadas do passado; com novas funções, ou seja, novos espaços; mesmo com a mesma paisagem.

Nessa perspectiva, a cidade é considerada obra de uma história, de pessoas e de grupos que realizaram essa obra em condições históricas, pois, muitas memórias, de pessoas que viveram importantes acontecimentos na cidade de Maringá, desde a sua fundação, não se perderam no tempo, ainda estão vivas e pedem para ser ouvidas no presente, são as vozes que representam o passado..

Em meados dos anos 80, a cidade começa a gestar uma nova realidade, determinada, uma vez mais por fatores que têm sua origem a partir da zona rural.

Nessa periodização, os espaços identificados por intermédio dos entrevistados, além de suas características físicas, foram reconstituídos a partir dos significados que lhes eram atribuídos. Significados relacionados às atividades para as quais os espaços eram apropriados – tanto no sentido de serem adequados para, como no de serem apossados por seus usuários e ressignificados. Um mesmo espaço que comunica significados diferentes, conforme a pessoa a ele se refere. Lugares que transmitem uma carga valorizante do simbólico urbano. Em Castellss [1983, p.138], “o simbólico urbano existe a partir das formas espaciais como emissores, transmissores e receptores das práticas ideológicas gerais”

Os marcos de referência e identidade estão implantados no solo urbano. È esse solo que, quando transformado em mercadoria através de sua exploração econômica, passando a ser ambicionado para novos usos, deverá ser desocupado e desimpedido para que possa dar lugar a uma “nova construção”, justificando o capital investido. Esse processo tem produzido a destruição sistemática de conjuntos repletos de significados, lugares históricos e de todas as relações pessoais, hábitos culturais e atividades econômicas inerentes a esses espaços.

Na apresentação do livro de Ecléa Bosí (1994, p. 07), Marilena Chauí acrescenta: “... destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros”.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris, Gallimard, 1972.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar - A aventura da Modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, EDUSP, 1994.
- BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social* (Ateliê, 2003). São Paulo, EDUSP, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- CARTA de Veneza, ICOMOS, 1964. Disponível em: www.iphan.gov.br/cartas.htm. Acesso em 12 de fevereiro de 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo, Paz e Terra, 1983.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. *A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá-Pr*. São Paulo, USP, 2000. (Tese de Doutorado).
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFCE, 1983.
- LE CORBUSIER. *A carta de Atenas*. São Paulo: HUCITEC/ EDUSP, 1993.
- LUZ, France. *O Fenômeno Urbano Numa Zona Pioneira*. São Paulo, 1988, USP. [Dissertação] Mestrado em História. Universidade de São Paulo.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire . In: (org.) : *Lês lieux de mémoire*. Vol. 1. La Republique. Paris, Galimard, 1993.
- OSTERROHT, Edgar Werner. *Homenagem ao Cinquentenário de Maringá década de 1950-60*. Maringá, 1997.
- PINTO, Luziano M. Sociabilidade de “matinée”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. *História e Perspectivas*. Uberlândia v.14/15, p.113-132, jan/dez. 1993.
- RICOUER, P. *Tempo e narrativa* (tomo I). São Paulo: Papyrus, 1994.
- TANNO, Janete Leiko. *Dimensões da Sociabilidade e da Cultura: espaços urbanos, formas de convívio e lazer na cidade de Assis: 1920-1945*. Assis, UNESP, 2003 (Tese de Doutorado).

OUTRAS FONTES

Folha do Povo, Maio/57 – Setembro/67. Coleção Incompleta (9ns.), Semanário.